



TRUMP NA OFENSIVA/ Regime islâmico recrudescer a repressão, responde a ameaça de Donald Trump de intervir na crise e coloca Israel também na mira. Onda de protestos avança pelo país, e número de mortos se aproxima de 200

Irã promete revidar, se atacado

» ISABELLA ALMEIDA

O governo do Irã alertou ontem que vai reagir caso os Estados Unidos ou Israel intervenham no país para frear a repressão aos protestos que se espalham por todas as regiões e entraram na terceira semana. Em meio à maior onda de manifestações contra o regime em três anos, o presidente Masoud Pezeshkian fez um apelo à união nacional e prometeu reajustar a economia, debilitada pelas sanções internacionais. De acordo com organizações de direitos humanos, o número de mortos nos distúrbios se aproximava ontem de 200. Na véspera, o presidente Donald Trump postou na rede social Truth Social que os EUA “estão prontos para ajudar os iranianos a conquistar a liberdade”.

O presidente do parlamento, Mohammad Bagher Ghalibaf, advertiu que, em caso de ataque militar americano, “tanto o território ocupado (referência Israel) quanto as instalações militares e navais dos EUA serão alvos legítimos”. Em meio à escalada de violência e tensão, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, declarou estar “chocado” com a repressão aos manifestantes. Diante das “notícias sobre violência e uso excessivo da força pelas autoridades iranianas contra manifestantes”, o porta-voz Stéphane Dujarric solicitou, em nome do secretário-geral, “que se exerça a máxima moderação e se evite o uso desnecessário ou desproporcional da força”.

Em entrevista à emissora estatal Irib, Pezeshkian convocou os iranianos a “não permitir que vândalos perturbem a sociedade”. Foram suas primeiras declarações desde que os protestos se intensificaram, nas últimas três noites. Apesar disso, a mobilização seguiu. O governo islâmico decretou três dias de luto pelos “mártires”, incluindo os membros das forças de segurança.

“Massacre”

O bloqueio da internet “ultrapassa 60 horas e ameaça diretamente a segurança e o bem-estar dos iranianos”, afirmou a Netblocks, organização especializada em monitoramento da governança e da segurança cibernética. Vídeos exibidos nas redes sociais mostram corpos amontoados

Kiran Ridley/AFP



Em Paris, ativista exibe cartaz com o retrato de Reza Pahlavi, filho e herdeiro autoproclamado do xá deposto pela revolução islâmica

Carlos Jasso/AFP



Manifestante queima imagem do aiatolá Khamenei, em Londres

em Teerã, supostamente de manifestantes, ainda sem identificação.

O Centro para os Direitos Humanos no Irã (CHRI), sediado nos EUA, afirmou ter recebido “relatos de testemunhas oculares e informações confiáveis que indicam que centenas de manifestantes morreram durante o atual bloqueio da internet”. A ONG denunciou “um massacre” em andamento. “O mundo precisa agir agora, para evitar mais perdas de vidas”, alertou. De acordo com o CHRI, hospitais estão “sobrecarregados”, os estoques de sangue estão se esgotando e muitos manifestantes foram baleados nos olhos.

O chefe da polícia nacional iraniana, Ahmad Reza Radan, anunciou prisões “significativas” de figuras proeminentes do movimento na noite de sábado, sem divulgar números ou identidades. Já o responsável pela área de segurança do Irã, Ali Larjani, um dos principais consultores do líder supremo, o aiatolá

Ali Khamenei, diferenciou protestos motivados por dificuldades econômicas — que classificou como “completamente compreensíveis” — de “tumultos”, descritos por ele como “muito semelhantes aos métodos de grupos terroristas”.

Na avaliação de Frederico Afonso, mestre em direitos internacionais e professor de direitos humanos, o que se observa é uma intensificação de práticas que já eram problemáticas. “Vemos o uso excessivo da força contra manifestantes, detenções em massa e apagões quase totais de internet”, observa, em entrevista ao **Correio**. “Mesmo em crises, o Estado continua obrigado a respeitar critérios de legalidade, necessidade e proporcionalidade. Quando a resposta passa a incluir força letal, prisões arbitrárias e bloqueio generalizado de comunicação, há forte indicativo de violação de obrigações internacionais”.

Teerã está praticamente paralisada, de acordo com um jornalista

da AFP. O preço da carne quase dobrou desde o início das manifestações e, embora algumas lojas continuem abertas, muitas outras fecharam as portas. Do exterior, Reza Pahlavi, filho do xá deposto e exilado, afirmou, ontem, estar preparado para retornar ao país e liderar “a transição” para um governo democrático. Ele desempenha um papel relevante na articulação dos protestos.

Atos de apoio às manifestações no Irã também se repetiram no Reino Unido, na França e na Turquia. Na capital britânica, o protesto começou em frente à embaixada iraniana e seguiu até a residência oficial do primeiro-ministro, Keir Starmer. “Queremos uma revolução, mudar o regime”, disse à AFP um manifestante identificado como Afsi, de 38 anos. Em Paris, cerca de 2 mil pessoas se reuniram empunhando a bandeira iraniana do período anterior à Revolução Islâmica de 1979, entoando palavras de ordem como “não à República Islâmica terrorista”.

Trump faz ultimato a Cuba

Na frente mais próxima de sua ofensiva para reafirmar a posição global dos Estados Unidos como potência mundial hegemônica, militar e politicamente, Donald Trump voltou a ameaçar o regime comunista de Havana para que “chegue a um acordo” com Washington ou “enfrente as consequências” — não especificadas. Reiterou que, com a intervenção na Venezuela e a captura do presidente Nicolás Maduro, a ilha caribenha ficará “sem petróleo nem dinheiro”. E chegou a apresentar como “futuro presidente” seu secretário de Estado, Marco Rubio, filho de cubanos exilados nos EUA desde a revolução comandada por Fidel Castro, em 1959.

“Não haverá mais petróleo nem dinheiro indo (da Venezuela) para Cuba: zero!”, postou Trump em sua plataforma Truth Social. “Sugiro fortemente que eles façam um acordo (com Washington), antes que seja tarde demais”,

acrescentou. Desde a operação militar fulminante contra Caracas, no primeiro sábado do ano, Trump, Rubio e outros altos funcionários do governo norte-americano vêm escalando a retórica dirigida não apenas a Cuba, mas a outros governos que relutam em aceitar a liderança dos EUA nas Américas.

Pouco antes da mensagem ao governo cubano, Trump republicou a postagem de um usuário da rede social X sugerindo que o secretário de Estado, Marco Rubio, se torne presidente de Cuba, e acrescentou o comentário: “Parece bom para mim!”. No texto próprio, o presidente dos EUA atacou frontalmente as relações entre os regimes de Havana e Caracas — e estabeleceu um vínculo entre a incursão de ano-novo e os planos futuros para a ilha.

“Cuba viveu, por muitos anos, de grandes quantidades de petróleo e dinheiro da Venezuela”, acusou. “Em troca, forneceu ‘serviços

de segurança’ aos dois últimos ditadores venezuelanos (Maduro e o antecessor e padrinho, Hugo Chávez). Mas não mais!”, ameaçou. Os governos de Havana e Caracas listaram mais de 30 agentes cubanos entre as quase 100 vítimas (militares, na maioria) do ataque norte-americano. “A maioria desses cubanos está morta por causa do ataque da semana passada”, escreveu. “E a Venezuela não precisa mais da proteção dos bandidos e extorsionários que os mantiveram reféns por tantos anos.”

“Última gota”

A resposta de Havana veio praticamente em seguida, pela rede social X, na conta do presidente Miguel Díaz-Canel. “Ninguém dita o que fazemos”, escreveu o governante, em postagem endereçada a Trump. “Cuba é uma nação livre, independente e soberana”, afirmou. “Ninguém dita o que fazemos”,

insistiu, para arrematar com a promessa de que a ilha socialista “está se preparando” e “está disposta a defender a pátria até a última gota de sangue”. Sob bloqueio econômico dos EUA desde o início dos anos 1960, o regime cubano tem dependido cada vez mais do petróleo venezuelano, fornecido como parte de um acordo firmado com Hugo Chávez, antecessor de Maduro.

Também, no X, o ministro cubano das Relações Exteriores, Bruno Rodríguez, declarou que o país “não recebe e nunca recebeu compensação monetária ou material por serviços de segurança prestados a qualquer país”. Críticos e opositores do regime sustentam que à parte os militares integrados à segurança pessoal e próxima do presidente, Cuba “pagaria” pelo petróleo venezuelano com o envio ao aliado sul-americano de médicos, professores, alfabetizadores e outros profissionais.

“Ao contrário dos EUA, não

Adalberto Roque/AFP



A embaixada dos EUA em Havana: Casa Branca reforça a pressão

temos um governo que se envolva em atividades mercenárias, chantagem ou coerção militar contra outros Estados”, rebateu o chanceler cubano. “Temos o direito absoluto de importar combustível dos mercados dispostos a exportá-lo”,

argumentou. “A lei e a justiça estão do lado de Cuba, e os EUA se comportam como uma potência hegemônica, criminoso e descontrolado, que ameaça a paz e a segurança, não apenas a nossa e a deste hemisfério, mas de todo o mundo.”